IX CONGRESSO DA FEPODI

DIREITO AMBIENTAL, GLOBALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

A532
Anais do IX Congresso Nacional da FEPODI [Recurso eletrônico on-line] organização IX Congresso Nacional da FEPODI – São Paulo;

Coordenadores: Abner da Silva Jaques, Jaqueline de Paula Leite Zanetoni e Sinara Lacerda Andrade Caloche – São Paulo, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-456-3
Modo de acesso: www.conpedi.org.br
Tema: Direito, Desenvolvimento e Cidadania

1. Pesquisa no Direito. 2. Universidade. 3. Pós-graduação. 4. Graduação. 5. Universalização do Conhecimento. I. IX Congresso Nacional da FEPODI (1:2022 : São Paulo, SP).

CDU: 34

IX CONGRESSO DA FEPODI

DIREITO AMBIENTAL, GLOBALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Apresentação

A Federação Nacional de Pós-Graduandos em Direito (FEPODI) realizou, nos dias 09 e 10 de dezembro de 2021, o IX Congresso Nacional da FEPODI, de maneira virtual, em que os eixos temáticos da edição foram “Direito”, “Desenvolvimento” e “Cidadania”.

O evento foi realizado em parceria com o Ecossistema Ânima Educação e, contou, no geral, com 20 apoiadores diretos, sendo eles: 1. Instituto Sul-mato-grossense de Direito – ISMD (MS); 2. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (MS); 3. Programa de Pós-Graduação em Direito da UFMS – PPGD/UFMS (MS); 4. Centro Universitário UNIFAFIBE – (SP); 5. Instituto Brasil – Portugal de Direito – IBPD (SP); 6. Universidade CEUMA (MA); 7. Escola Superior da Advocacia de Mato Grosso do Sul – ESA (MS); 8. Universidade Mogi das Cruzes – UMC (SP); 9. Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Direito – CONPEDI (SC); 10. Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA (PR); 11. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); 12. Universidade de Marília (SP); 13. Programa de Pós-Graduação em Direito da UNIMAR – PPGD/UNIMAR (SP); 14. Centro Universitário Ritter dos Reis – UNIRITTER (RS); 15. Instituto de Desenvolvimento Humano Global – IDHG (SP); 16. Liga Acadêmica de Direito Internacional da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – LADIN/UFMS (MS); 17. Liga Acadêmica de Direito Ecológico – LADE/UFMS (MS); 18. Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE); 19. Instituto Avançado de Ensino Superior e Desenvolvimento Humano – INSTED (MS) e; 20. Centro Acadêmico Luís Gama da UNIGRAN Capital – CALUG/UNIGRAN (MS).

No geral, foram realizados 5 (cinco) atos no decorrer do evento:

1. Mesa de abertura, composta por Orides Mezzaroba (Presidente do CONPEDI), Sinara Lacerda Andrade Caloche (Presidente da FEPODI), Vladmir Oliveira da Silveira (Coordenador do PPGD/UFMS) e Sandra Regina Martini (Coordenadora do PPGDH /UNIRITTER e representante do Ecossistema Ânima Educação). Na ocasião, ressaltou-se a importância da FEPODI para a qualificação da pesquisa em Direito no Brasil e reafirmou-se, também, o apoio institucional na organização dos próximos eventos.

2. Conferência de abertura “o Direito fraterno e a fraternidade do Direito”, ministrada pelo professor Eligio Resta, vinculado à Università degli Studi di Roma Ter. Como debatedoras, atuaram as professoras Sandra Regina Martini (UNIRITTER) e Janaína Machado Sturza

(UNIJUÍ). Destacou-se a importância da metateoria do Direito Fraterno na formação de um conceito biopólítico por excelência, que tem sido retomado atualmente com o significado de compartilhamento e de pacto entre iguais.

3. Painel sobre as “perspectivas e desafios do desenvolvimento sustentável e a proteção da natureza”, composto pelos professores Alberto Acosta (FLACSO), Mariana Ribeiro Santiago (UNIMAR) e Lívia Gaigher Bósio Campello (UFMS). Essa discussão, correlacionada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, tem se tornado tradição no âmbito da FEPODI enquanto uma de nossas pautas de preocupação.

4. Painel sobre a “importância da pesquisa e publicações no mestrado acadêmico”, composto por Felipe Chiarello de Souza Pinto (MACKENZIE), Viviane Coêlo de Séllos Knoerr (UNICURITIBA), Jonathan Barros Vita (UNIMAR) e José Querino Tavares NETO (UFG). Cada painelista trouxe uma contribuição essencial, que permeou debates desde as métricas relevantes a um programa de pós-graduação e sua avaliação, até práticas e iniciativas de sucesso que foram adotadas no decorrer da pandemia da Covid-19. Ao final, houve uma abordagem mais crítica no que diz respeito às técnicas avançadas de pesquisa em Direito e à ausência de preocupação com a legitimação do incentivo à ciência.

5. Mesa de encerramento do evento, composta por Sinara Lacerda Andrade Caloche (Presidente da FEPODI), Jonathan Barros Vita (UNIMAR), Elisaide Trevisam (UFMS), Sandra Regina Martini (UFMS-UNIRITTER representando o Ecossistema Ânima Educação), Abner da Silva Jaques (Tesoureiro da FEPODI) e Jaqueline de Paula Leite Zanetoni (2ª Diretoria de políticas institucionais da FEPODI). No decorrer, foram: (i) tecidos comentários sobre o evento e sobre a e gestão em encerramento da FEPODI; (ii) apresentados dados e informações acerca da abrangência do evento; (iii) destinados agradecimentos aos docentes que participaram dos GT’s e que auxiliaram na avaliação textual dos resumos expandidos, bem como aos acadêmicos e instituições que concederam apoio ao evento; (iv) lida a ATA de eleição da nova gestão da FEPODI, para o biênio de 2022-2023, entre outros.

No que tange à submissão de resumos expandidos e à realização dos GT’s, destaca-se, mais uma vez, que a abrangência da FEPODI foi nacional, pois contemplou as cinco regiões do país, alcançando, no geral, 19 estados da Federação Brasileira. Isto, para nós, é muito significativo, na medida em que evidencia que a pesquisa científica não pertence a um estado ou uma região. É feita por todos, de todos e para todos.

Ao total, foram 113 trabalhos aprovados no evento, que envolveram 211 autores. Sendo eles, 42 doutores; 8 doutorandos; 22 mestres; 70 mestrandos; 3 especialistas; 4 especializandos; 5

graduados e 57 graduandos. Esses números mostram como é possível estabelecer uma relação de integração entre a graduação e a pós-graduação, para privilegiar a pesquisa sobre Direito no Brasil. Há, inclusive, uma valorização da produção ainda na graduação, que muito nos alegra justamente porque levamos essa como uma missão institucional.

Os trabalhos que compõem estes anais foram apresentados no decorrer dos dois dias, distribuídos em 13 GT's diferentes. Para tanto, foram fundamentais as contribuições oferecidas por todos os coordenadores, que sempre aceitam com disposição o convite da FEPODI para auxiliar os nossos acadêmicos na construção de seus trabalhos científicos. Foram concedidas dicas, menções e críticas construtivas que auxiliaram nos propósitos de formar pesquisadores e democratizar o conhecimento. São eles: 1. Vivian de Almeida Gregori Torres (UNIMEP); 2. Lucas Pires Maciel (UNITOLEDO); 3. Lívia Gaigher Bósio Campello (UFMS); 4. Joseliza Vanzela Turine (UFMS); 5. Jessé Cruciol Júnior (UFMS); 6. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr (UNICURITIBA); 7. Olavo de Oliveira Neto (UFMS); 8. Ynes da Silva Félix (UFMS); 9. Aurélio Tomaz da Silva Brittes (UFMS); 10. Yuri Nathan da Costa Lannes (MACKENZIE); 11. Marcelo Chiavassa de Mello Paula Lima (MACKENZIE); 12. Caio Augusto Souza Lara (DOM HELDER); 13. Sabrinna Correia Medeiros Cavalcanti (UFCG - FACISA); 14. Andrea Flores (UFMS); 15. Rejane Alves Arruda (UFMS); 16. Silmara Domingues Araújo Amarilla (ESMAGIS/MS); 17. Regina Vera Vilas Boas (PUC/SP); 18. Reginaldo de Souza Vieira (UNESC); 19. Maria Esther Martinez Quinteiro (UFMS); 20. Ana Paula Martins do Amaral (UFMS); 21. Thiago Allisson Cardoso de Jesus (CEUMA); 22. Vladmir Oliveira da Silveira (UFMS – PUC/SP); 23. Daniel Barile da Silveira (UNIMAR); 24. Luciani Coimbra de Carvalho (UFMS); 25. Jonathan Barros Vita (UNIMAR); 26. Irene Patrícia Nohara (MACKENZIE); 27. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini (FMU - UNIVEM); 28. Walkiria Martinez Heinrich Ferrer (UNIMAR); 29. Fernanda Mesquita Serva (UNIMAR); 30. Sandra Regina Martini (UFMS - UNIRITTER); 31. Ulisses Schwarz Viana (IDP); 32. Elisaide Trevisam (UFMS); 33. Elaine Dupas (UFMS) e; 34. Jackson Passos Santos (PUC/SP).

Nos GT's, exigiu-se, também, um elevado esforço de auxiliares na organização do evento: 1. Arthur Gabriel Marcon Vasques; 2. Bianca Silva Pitaluga; 3. Caroline Lopes Placca; 4. Cicília Araújo Nunes; 5. Diego Fortes; 6. Eric José Migani; 7. Elisangela Volpe; 8. Gabriel Vinícius Carmona Gonçalves; 9. Henrique de Souza Wirz Leite; 10. Israel Aparecido Correa; 11. João Pedro Ignácio Marsillac; 12. João Pedro Rodrigues Nascimento; 13. Jônathas Willians; 14. Karla Alexsandra Falcão Vieira Celestino; 15. Larissa Saad; 16. Matheus Figueiredo Nunes de Souza; 17. Michel Ernesto Flumian; 18. Rafael Costa Cabral; 19.

Rafaela de Deus Lima; 20. Roseanny Expedito Leite Moura; 21. Suziane Cristina de Oliveira; 22. Thaís Fajardo; 23. Thális Alves Maciel; 24. Vanessa Siqueira Mello; 25. Vinícius Araújo Guedes e; 26. Welington Oliveira de Souza dos Anjos Costa.

O evento só foi possível graças à participação e ao apoio de todas essas pessoas, que confiaram no nosso trabalho.

Em mais uma edição, temos a satisfação em compartilhar com a comunidade acadêmica os anais de nosso evento. Embora seja apenas uma parcela do que representa a grandiosidade do IX Congresso Nacional da FEPODI, certamente os trabalhos ora divulgados transmitem elevado conhecimento e propiciam o incentivo à democratização da pesquisa e ao fortalecimento da ciência. Mais que isso, refletem a esperança na transformação social a partir da educação.

Que sigamos sempre caminhando e sonhando, cheios da esperança que haverá um momento em que a ciência será o centro das mais importantes decisões que são tomadas.

Esperamos que todos possam aproveitar a leitura.

Abner da Silva Jaques

Presidente da FEPODI

Jaqueline de Paula Leite Zanetoni

Vice-presidente da FEPODI

Sinara Lacerda Andrade Caloche

Ex-presidente da FEPODI (2020-2021) e Coordenadora-Geral do IX Congresso Nacional da FEPODI

PENSAR SUSTENTABILIDADE A PARTIR DE UMA DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA

THINKING SUSTAINABILITY FROM AN EPISTEMOLOGICAL DIMENSION

Thábata Santa Catarina de Souza [1]
Carina Lopes de Souza [2]

Resumo

A presente pesquisa busca estudar as bases epistemológicas que atravessam a pauta ambiental e analisar se a estratégia interdisciplinar se apresenta como um meio efetivo de reconstrução dos saberes. Assim, realizar-se-á um breve apanhado das questões ambientais como um problema de epistemologia, trazendo as transformações históricas que precederam o atual posicionamento. Em seguida, busca-se analisar o desenho da atual crise civilizatória. Abordar-se-á ainda, as questões que permeiam a interdisciplinaridade como estratégia epistemológica e as inciativas voltadas à esse viés interdisciplinar do conhecimento. No desenvolvimento da pesquisa serão empregados o método de abordagem dedutivo e de procedimento monográfico, empregando como técnica de pesquisa a documentação indireta. Dentre os principais resultados, destaca-se que o exercício da interdisciplinaridade altera a maneira de tratar as questões ambientais, sobretudo, por não ser somente de um novo paradigma de produção de saberes, mas é um novo mundo construído a partir de um diálogo de saberes.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Sustentabilidade, Epistemologia

Abstract/Resumen/Résumé

This research aims to investigate the epistemological bases that intervene in the environmental agenda and analyze whether the interdisciplinary strategy presents itself as an effective means of rebuilding knowledge. Thus, it is intended to carry out a brief study of environmental issues as a problem of epistemology, bringing the historical transformations that preceded the current position. Then, it seeks to analyze the scenario of the current civilizing crisis. It will also address the issues that permeate interdisciplinarity as an initiatives aimed at this interdisciplinary knowledge bias. In the development of the research, the method of deductive approach and monographic procedure will be used. Among the main

[1] Mestranda em Direito pela Faculdade Meridional – IMED. Membro do Grupo de pesquisa Biopolítica, Gênero e Direito (CNPq/IMED). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2478265556025667>. Endereço eletrônico: thabatasantacatarina@outlookl.com

[2] Mestranda em Direito pela Faculdade Meridional – IMED. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Fundamentais, Democracia e Desigualdade (CNPq/IMED). Currículo lattes <http://lattes.cnpq.br /3105828369221271>. Endereço eletrônico: adv.carinalopes@gmail.com

results, it is highlighted that the exercise of interdisciplinarity changes the way of dealing with environmental issues, especially because it is not only a new paradigm of knowledge production, but it is a new world built from a dialogue of knowledge.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Interdisciplinarity, Sustainability, Epistemology

INTRODUÇÃO

A sociedade vem enfrentando um complexo de problemas ambientais, problemática quem vem sendo tratada nos mais diversos campos do conhecimento, em busca métodos epistemológicos de obtenção de saberes capazes de garantir respostas aos desafios enfrentados. É notório que na história da humanidade, a obtenção de conhecimento pelo sujeito esteve vinculada a saberes estritamente empíricos, mas essa limitação física foi ampliada a partir da capacidade do homem em se comunicar e construir relações, ocasião em que a propagação do conhecimento teórico acompanhou o desenvolvimentos dos saberes práticos.

À vista disso, a Epistemologia é justamente o ramo da filosofia destinado a entender o conhecimento, as formas de processamento e filtragem dos saberes, assim como, no caso da epistemologia clássica, as estruturas justificadoras dos conhecimentos adquiridos. Ocorre que a partir da Revolução industrial e, num segundo momento, dos intensos avanços tecnológicos o elo entre saberes práticos e teóricos foi dilatado e acelerado, acarretando uma demasiada demanda por conhecimento, que demandou o fracionamento em campos disciplinares.

Essa fragmentação excessiva do conhecimento expandiu a objetificação da natureza, vez que no âmbito da economia as preocupações e objetivos concentravam-se na transformação dos recursos naturais em matéria-prima, afastadas da estrutura ecológica da natureza. A partir dessa construção civilizatória, a humanidade culminando em uma grande crise ambiental, intensificada pela incapacidade de pensar e de enfrentar a amplitude e a complexidade dos problemas. A sustentabilidade ambiental passou a ser o desafio vital da humanidade e a presente pesquisa busca justamente estudar as bases epistemológicas que atravessam a pauta ambiental e analisar se a estratégia interdisciplinar se apresenta como um meio efetivo de reconstrução social do conhecimento.

Para esse propósito, os objetivos específicos são abordar a pauta ambiental como um problema de epistemologia, trazendo as transformações históricas que precederam o atual posicionamento perante o tema da sustentabilidade, analisar a atual crise civilizatória; examinar as questões que permeiam a interdisciplinaridade como estratégia epistemológica e verificar se já existem inciativas voltadas à esse viés interdisciplinar do conhecimento. No

desenvolvimento da pesquisa serão empregados o método de abordagem dedutivo, o método de procedimento monográfico e como técnica de pesquisa a documentação indireta.

Por fim, ressalta-se que o presente estudo pretende ser um instrumento mediador de entendimento sobre do tema da epistemologia ambiental e não possui o condão de esgotar a matéria, mas somente de promover as discussões acerca de um assunto tão imprescindível e urgente.

DESENVOLVIMENTO

Na história da humanidade, a obtenção de conhecimento pelo sujeito esteve vinculada com sua posição geográfica e sua realidade cultural, dessa forma cada povo adquiriu suas próprias técnicas de manipulação dos elementos naturais e transformação do meio. Enquanto num primeiro momento isso se deu a partir de saberes estritamente empíricos, a partir da capacidade do homem em se comunicar e construir relações, tais limitações foram ampliadas, ocasião em que a propagação do conhecimento teórico deixou de acompanhar o desenvolvimentos dos saberes práticos (LEFF, 2001, p. 21). À vista disso, a Epistemologia é justamente o ramo da filosofia que se ocupa com estudos nessa conjuntura, destinados a entender o conhecimento, as formas de processamento e filtragem dos saberes, assim como, no caso da epistemologia clássica, as estruturas justificadoras dos conhecimentos adquiridos.

Foi a partir da Revolução industrial, num primeiro momento, bem como dos intensos avanços tecnológicos, da mecanização geral dos processos e da facilitação da transmissão de informações, que esse elo entre saberes práticos e teóricos foi fortemente dilatado e acelerado, acarretando uma demasiada demanda por conhecimento científico. Além disso, importa destacar que esse cenário evoluiu acompanhado de um regime jurídico firmado nos ideias de liberdades individuais e na primazia dos interesses privados.

Outrossim, retomando a perspectiva histórica, foi por volta do século XVIII, onde o processo de globalização vinha dando os primeiros passos, que teve início esse processo de transformação de estruturas sociais como, por exemplo, o trabalho. A atividade laboral deixou de ser uma representação da realidade empírica e passou a ser um objeto de certos processos materiais, em torno dos quais se organizam campos específicos de conhecimento (LEFF, 2001, p.23), ou seja, a força laboral foi paulatinamente dissociada do sujeito atuante no processo.

No início do século XX tais rupturas epistemológicas ganharam ainda mais intensidade. Conforme ensina Leff (2001, p. 24 e 25), o real passa a aparecer como processos materiais diferenciados e não mais como objetos, já as ciências passam a estabelecer paradigmas teóricos e afastam-se do empírico, ao mesmo tempo em que a linguagem deixa de ser utilizada para a simples produção de correspondência entre palavras e coisas, mas as referências passam a emergir das práticas sociais e serem produzidas nos discursos com efeitos de ordem simbólica e ideológica que atravessam o âmbito do poder e do saber.

O conhecimento foi fracionado e a realidade foi compartimentalizada em campos disciplinares confinados, com o fito de fomentar a eficiência do saber científico (LEFF, 2011, p. 60). Esse novo modelo de transmissão do conhecimento foi útil no sentido de harmonizar-se com o desenvolvimento da lógica de mercado, pois no processo de globalização econômica o meio-ambiente ecológico precisou ser dissociado do meio-ambiente provedor de matéria-prima (CUNHA, 2020, p. 23).

Certamente, o paradigma cartesiano foi efetivo em atender as necessidades da industrialização, permitindo uma simbiose entre ciência e técnica, mas esse processo contribuiu decisivamente para a fragmentação excessiva do conhecimento, uma vez que as indústrias necessitavam urgentemente de especialistas para enfrentar os problemas e objetivos específicos de seus processos de produção e comercialização (VILELA E MENDES, 2003, p. 526). Nessa perspectiva, expandiram-se os processos de objetificação da natureza, onde a economia, como uma ciência humana, concentra suas preocupações na transformação dos recursos naturais em matéria-prima e a estrutura ecológica da natureza, da qual sobrevém manutenção da vida na Terra, é tema de outro ramo da ciência.

A ciência moderna e o método cartesiano são marcados pela educação hiperespecializada, acompanhada da consequente característica da dissociação, separando conhecimento e sujeito, cultura e natureza, sentimento e razão, capital e força de trabalho. Conforme destaca Morin (2015, p. 30), a especialização compartimentalizada resulta no desaparecimento da concepção de conjunto, de global e de solidariedade. Inclusive, acarreta a substituição das antigas ignorâncias por uma cegueira justificada pela ilusão de que a racionalidade determina o progresso.

Os saberes foram fragmentados a ponto de impossibilitarem a compreensão do todo, sendo, então, a complexibilidade tida como o grande obstáculo da contemporaneidade. A única via de saída passa a ser a mudança na forma de pensar o mundo, para posteriormente executar reformas no âmbito da educação. Nesse âmbito, antes de passar à compreensão de

como a transição para esse pensamento complexo pode se desenrolar, faz-se imprescindível a breve analise dos aspectos da crise ambiental civilizatória que a humanidade vem sofrendo, a fim de melhor compreender nossa realidade, pois o analisando-se amplamente a conjuntura atual social, percebe-se que, a partir dessa construção civilizatória, a humanidade "errou o caminho" e atualmente a referida construção de conhecimento, através do saber disciplinar, se mostrou insatisfatória perante as complexas necessidades contemporâneas.

Essa crise de civilização é acompanhada, então, de uma crise de saber, que emergiu do já referido excesso de hiperespecialização. Esse fator se torna ainda mais preocupante, quando reconhecido como justificativa à cegueira dos sujeitos, vez que se tronam detentores de uma quota muito limitada de responsabilidades, mas a humanidade vem sendo lembrada dia após dia que existem limites físicos, orgânicos e químicos para a sua expansão (QUINTANA; HACON, 2012, p. 428).

É notório que historicamente questões relacionadas à ecologia não detinham espaço expressivo nas agendas políticas governamentais, sobretudo, em países menos desenvolvidos. Inevitavelmente, o enredamento das relações com a natureza passou, de forma progressiva, a ser uma pauta própria da modernidade avançada, conforme ensinam Armada e Souza (2017, p. 26):

> Em documentos oficiais, o conceito de Sustentabilidade com um olhar multidimensional surgiu em 2002, na Rio+10, realizada em Johannesburgo, quando restaram reunidas, além da dimensão global, as perspectivas ecológica, social e econômica como qualificadoras de qualquer projeto de desenvolvimento, bem como a certeza de que sem justiça social não é possível alcançar um meio ambiente sadio e equilibrado na sua perspectiva ampla, para as presentes e futuras gerações.

Contudo, o tema foi abordado permeado de uma gama de problemas conceituais, visto que a sustentabilidade traduz uma mudança de paradigma, repensando as "regras do jogo" sociais por meio da eficiência econômica voltada à igualdade social, por isso deve ter uma abordagem pluridimensional, sem hierarquia rígida e sem caráter exaustivo, a dimensão social, ética, ambiental, econômica e jurídicopolítica (ARMADA; SOUZA, 2017, p. 26-27), daí a dificuldade em encaixar o conceito no modelo de conhecimento cartesiano característico da ciência moderna.

A gestão ambiental sustentável pressupõe uma transição democrática e a possibilidade de inclusão da população marginalizada no processo de produção por meio do manejo descentralizado, a partir da integração dos recursos ambientais, do respeito à

diversidade cultural, do fomento à autogestão e, sobretudo, da construção do conhecimento coletivo em tomo das questões ambientais (VIEIRA; MORAIS, 2003, p. 40).

Por isso, autores como De Benedicto, Silva Filho, Georges e Ferrari (2020, p. 02) sublinham que a sustentabilidade ambiental se revela como o desafio vital da humanidade, as mais diversas áreas do conhecimento científico estão se debruçando diante deste problema perquirindo soluções para novos horizontes, ao mesmo tempo em que alertam que doutrina fixa de crescimento econômico precisa dar lugar a outras formas e dimensões de crescimentos, ao mesmo tempo em que deve abarcar certos decrescimentos.

. Nesse contexto, vislumbrasse a imprescindibilidade de produções cientificas mais amplas, que abarquem a complexidade do mundo, a partir de uma atuação interdisciplinar dos cientistas capaz de orientar a difusão de uma racionalidade produtiva sobre as bases de sustentabilidade ecológica e de equilíbrio social (LEFF, 2001, p. 60). Contudo, via de regra, os estudos destinados a tratar da sustentabilidade ambiental tratam as questões conceituais, as dimensões estruturais e as práticas sustentáveis de maneira disciplinar.

> A complexidade ambiental não defende apenas a necessidade de articular as ciências existentes para compreender a multicausalidade dos processos, sus aleatoriedade, sua probabilidade. A complexidade ambiental emerge do diálogo entre saberes e conhecimentos, da produção de entes e ordens híbridas que provem da projeção metafísica do mundo e da intervenção tecnológica da via. O saber ambiental forja-se nesse campo (LEFF, 1998, s/p).

Para superação desse modelo que se encontra no cerne da crise, existe um esforço de integração da interdisciplinaridade como um novo posicionamento a ser assumido diante do problema do conhecimento (VILELA;MENDES, 2003, p. 527). Assim, a epistemologia interdisciplinar pressupõem uma estratégia de estimulação da percepção, reflexão e gestão dos riscos nas suas mais diversas dimensões (BODNAR; FREITAS; SILVA, 2016, p. 67), em outras palavras um método capaz de reintegrar o conhecimento para apreender a realidade complexa (LEFF, 2011, p. 309)

A interdisciplinaridade tem sido considerada pelos pesquisadores como meio capaz de alcançar o desenvolvimento de um raciocínio que responda pela do mundo atual (VILELA E MENDES, 2003, p. 531), apreciada como uma metodologia primaz ao enfrentamento dos desafios, pois dessa forma é possível compreender a questão ambiental em todos os seus aspectos (VIEIRA; MORAIS, 2003, p. 44). Ainda, de acordo com Leff (2011, p. 311):

> A interdisciplinaridade implica assim um processo de inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transborda e transcende o campo da pesquisa e do ensino no que se refere estritamente às disciplinas científicas e a suas possíveis articulações. Dessa maneira, o termo interdisciplinaridade vem sendo usado como sinônimo e metáfora de toda interconexão e "colaboração" entre diversos campos do conhecimento e do saber dentro de projetos que envolvem tanto as diferentes disciplinas acadêmicas, como as práticas não científicas que incluem as instituições e atores sociais diversos.

Desse modo, incumbe aos pesquisadores, educadores e gestores edificar um ambiente de difusão de conhecimento que permita o exercício da interdisciplinaridade, não apenas no âmbito acadêmico, mas que possa envolver todos os processos humanos que influenciam o meio ambiente em que vivemos. Pensar os saberes ambientais para um futuro próspero, requer uma educação fundada em currículos moldados por práticas interdisciplinares, que possibilitem os movimentos dos conceitos e o rompimento da oposição entre natureza e cultura (LOCATELLI; HENDGES, 2009, p. 235-239).

Os primeiros avanços em direção a esse caminho começaram a ser traçados em Estocolmo no ano de 1972, quando pela primeira vez foi reconhecido e debatido, em âmbito mundial, que a solução da problemática ambiental importa precisamente mudanças profundas na organização do conhecimento, no âmbito da primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (LEFF, 2011, p. 310). Dessa forma, os olhares voltaram-se ao desenvolvimento de uma educação ambiental firmada em uma perspectiva holística da realidade e nos métodos da interdisciplinaridade. Nascendo, em 1975, o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), patrocinado pela UNESCO e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), criando com o fito de estimular atitudes de cooperação e reflexões internacionais para a Educação Ambiental (LEFF, 2011, p. 310).

Nos anos que se seguiram, as demandas da educação ambiental passaram a ser desamarradas, possibilitando a criação de "Princípios de Educação Ambiental", estabelecidos pelo seminário realizado na Finlândia, em 1974. A Educação Ambiental passou a ter como fundamento a estratégia de sobrevivência da humanidade e de outras formas da natureza (LOCATELLI, 2009, p. 47).

> A estratégia de sobrevivência é um enfoque geral que requer conhecimentos de ciências naturais, tecnologia, história, sociologia; assim como os meios intelectuais para analisar e sintetizar esses conhecimentos, a fim de criar novos modos de atuação. Além da estratégia de sobrevivência, devem considerar a qualidade de vida,

> as metas fixadas a este respeito e os meios com que conta a humanidade para alcançá-las (LOCATELLI, 2009, p. 47).

Abrindo caminho para que na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, celebrada em Tbilisi no ano de 1977, fossem estabelecidas as orientações gerais da educação ambiental, atravessadas pelos princípios da interdisciplinaridade (LEFF, 2011, p. 310).

Pensar os saberes ambientais para um futuro próspero, requer uma educação fundada em currículos moldados por práticas interdisciplinares, que possibilitem os movimentos dos conceitos e o rompimento da oposição entre natureza e cultura (LOCATELLI; HENDGES, 2009, p. 235-239). Certamente, alterar o currículo tradicional da educação e instalar um novo modelo nos moldes da interdisciplinaridade, realizando uma revolução nos métodos de conhecimento e nas formas de pensar, não são tarefas fáceis. No entanto, conforme exposto, os primeiros passos nesse caminho já estão sendo dados, mesmo que de forma lenta e desafiadora, essa luta é necessária para garantir às futuras gerações um mundo sustentável.

BREVES CONCLUSÕES

Perante a demasiada demanda por conhecimento característica da contemporaneidade, o fracionamento dos saberes em campos disciplinares pareceu ser a única alternativa que atendesse tal cenário. Porém, a hiperespecialização causou a dissociação entre conhecimento e sujeito, cultura e natureza, sentimento e razão, capital e força de trabalho, resultando, assim, no desaparecimento da concepção de global e de solidariedade.

Inclusive, a fragmentação do conhecimento vem se mostrado como meio hábil para justificar a cegueira perante as devastas consequências da objetificação da natureza. Por isso, buscando a superação desse modelo que se encontra no cerne da crise, existe um esforço em desenvolver uma educação firmada em uma perspectiva holística da realidade e nos métodos da interdisciplinaridade. Permitindo, assim, que o saber ambiental cause resultados sobre o campo do conhecimento, gerando objetos interdisciplinares votados a edificação da racionalidade ambiental.

Como supra demonstrado, exercer a interdisciplinaridade significa tratar a questão ambiental no âmbito de todos os seus aspectos. Não se trata somente de um novo paradigma de produção de saberes, mas é um novo mundo construído a partir de um diálogo de saberes.

Portanto, uma prática da interdisciplinaridade bem executada em seus princípios teóricos e metodológicos, orientada os sujeitos ao manejo, a gestão e a apropriação correta e limitada dos recursos ambientais, se apresenta como uma via de reconstrução do saber, na edificação de um genuíno futuro aberto para a sustentabilidade e a longevidade. Dessa forma, preparando as novas gerações para compreender o devir complexificante, ao mesmo tempo em que faz nascer habilidades inovadoras.

BIBLIOGRAFIA PARA A PESQUISA

ARMADA, C. A. S.; SOUZA, M. C. S. A. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade: Evolução epistemológica na necessária diferenciação entre os conceitos. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, v. 3, p. 17-35, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2525-9687/2017.v3i2.2437>. Acesso em 06 out. 2021.

BODNAR, Z.; FREITAS, V.P. ; SILVA, K.C. . A Epistemologia Interdisciplinar da Sustentabilidade: Por Uma Ecologia Integral para a Sustentação da Casa Comum. **Revista Brasileira de Direito**, v. 12, p. 59-70, 2016. Disponível em: < https://seer.imed.edu.br/index.php/revistadedireito/article/view/1558>. Acesso em 20 out. 2021.

CUNHA, Belinda Pereira da. Saberes Ambientais: a importância do pensamento científico de Leff para a construção de novos paradigmas. In: POMPEU, G. V. M.; POMPEU, R. (Org.). **Racionalidade ambiental, diálogo de saberes e o papel da universidade**. 1 ed. Porto Alegre: Fênix, 2020, v. 1, p. 19-35.

DE BENEDICTO, S. C. ; SILVA FILHO, C. F. ; GEORGES, M. R. R. ; FERRARI, V. E. Sustentabilidade: um fenômeno multifacetário que requer um diálogo interdisciplinar. **Sustentabilidade: Diálogos Interdisciplinares**, v. 01, p. 1-21, 2020. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/sustentabilidade/article/view/5168/3103>. Acesso em 06 out. 2021.

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KETZER, Patricia. Como pensar uma Epistemologia Feminista? Surgimento, repercussões e problematizações. **ARGUMENTOS: REVISTA DE FILOSOFIA** (IMPRESSO), v. 9, p. 95-106, 2017.

LEFF, Enrique. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental.** Olhar de professor, v. 14, n. 2, p. 309-335, 2011.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. Tradução de Sandra Valenzuela. 1. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2001.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder. México: Siglo XXI/UNAM/PNUMA, 1998.

LOCATELLI, Odete Catarina; HENDGES, Carla. A Educação Ambiental na perspectiva de um currículo interdisciplinar. **Cadernos do CEOM**, v. 29, p. 231-242, 2009. Disponível em: < https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/336>. Acesso em 20 out. 2021.

LOCATELLI, Odete Catarina. **Gestão em Educação Ambietal e a Formação de Professores:** interdisciplinaridade e sustentabilidade. 2009. 184 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93175. Acesso em: 06 out. 2021.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

QUINTANA, A.C.S.V. ; HACON, V. . O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental. **O Social em Questão**, v. 25-26, p. 427-444, 2012. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/21_OSQ_25_26_Quintana_e_Hacon.pd>. Acesso em: 20 out. 2021.

VIEIRA, Jane Eyre G ; MORAIS, R. P. . A interdisciplinaridade na abordagem das questões ambientais. **Comunicação & Informação (UFG),** Goiânia-GO, v. 6, p. 31-47, 2003. Disponível em: <https://brapci.inf.br/_repositorio/2011/06/pdf_e78801865d_0017089.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

VILELA, E. M.; MENDES, I. J. M. Interdisciplinaridade e saúde: estudo bibliográfico. **Revista Latino Americana de Enfermagem,** v. 11, n. 4, p. 525-531, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v11n4/v11n4a16.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.